



### **Arquitetura e cultura profissional: dois desafios para o novo hospital, ao serviço dos cidadãos**

Foi dado, por fim, o impulso que faltava para a construção do novo hospital de Lisboa, que virá substituir instalações antigas, muito antigas. A passagem pelas datas de fundação de cada um dos edifícios é esclarecedora: 1593 - Hospital de S. José; 1579 - Hospital de Sto. António dos Capuchos; 1877 - Hospital D. Estefânia; 1890 - Hospital de Sta. Marta; 1904 - Hospital Curry Cabral; e, 1932 - Maternidade Alfredo da Costa.

Com a expectativa de que o tempo previsto seja cumprido nas diversas fases que têm de ser percorridas desde o lançamento do concurso até ao primeiro cidadão ser atendido no novo hospital, os seis anos até esse momento é um tempo longo para a velocidade dos dias de hoje, mas lento face à história dos atuais edifícios.

A mudança para as novas instalações trará vantagens de diferente natureza, sendo que aproveitar várias dessas vantagens exige planeamento e capacidade de gestão por parte de quem conduzir o processo, das equipas que durante este tempo venham a ter essa responsabilidade.

A vantagem mais óbvia está na gestão operacional, de colocar a funcionar apenas um edifício e não vários, que a obrigam a mais do que os dedos de uma mão para os contar, diferentes e espalhados geograficamente. Um só edifício evita que dentro da mesma organização um doente tenha que ser transportado de ambulância de um ponto para outro, na sequência dos tratamentos que tem de receber. Os ganhos de gestão operacional estarão certamente presentes nos custos de manutenção e funcionamento, mas também resultarão num menor risco para os doentes.

A segunda vantagem decorre da construção de um novo edifício dar a oportunidade de pensar a arquitetura do hospital, dos seus espaços de tratamento, dos seus espaços de acolhimento e dos seus espaços de circulação dos doentes, dos profissionais e de quem por ele tiver que circular (acompanhantes de doentes, mas também fornecedores de serviços vários). Será de observar até que ponto a retórica de “colocar o cidadão no centro” das preocupações dos prestadores de cuidados de saúde se traduzirá, ou não, numa arquitetura dos diferentes

espaços que manifeste essa dita centralidade. A comparação com outros hospitais, públicos e privados, construídos nas últimas duas décadas dará certamente indicações interessantes a este respeito.

Para os diferentes profissionais de saúde que hoje se dispersam pelas várias unidades que irão ser substituídas, a vantagem de novas instalações e equipamentos é certamente um elemento central das suas expectativas. Também o deverá ser a possibilidade de novas formas de organização do seu trabalho, em função dos novos espaços, mas também da concentração de vários profissionais num mesmo local. Caberá aqui à gestão assegurar que se aproveitam essas vantagens, reduzindo ou eliminando barreiras culturais ou de hábito a antigas formas de trabalhar. É o desafio de tornar o novo hospital num local onde todos queiram estar como profissionais, vencendo as dificuldades que toda a mudança de instalações cria.

As vantagens deste novo hospital serão sentidas pelos cidadãos e pelos profissionais de saúde. É uma oportunidade para melhor cumprir a missão do hospital, em termos assistenciais, com menores custos para todos. E dois elementos fundamentais para que tudo corra bem estarão na arquitetura do novo hospital, física e funcional, e na cultura profissional que seja gerada.

*Pedro Pita Barros*

Professor Catedrático, Universidade Nova de Lisboa